ORACULA 5.9 (2009)
ISSN: 1807-8222

AS REFERÊNCIAS A DANIEL NA *LENDA DE ALEXANDRE*

Um caso de ideologia imperial*

Raul Maravalhas•

Resumo

Apontarei, no presente artigo, as referências a passagens do livro canônico de Daniel (Dn), capítulos 8 e 7, na chamada *Lenda de Alexandre*. Este texto, uma narrativa lendária da vida e feitos do conquistador macedônico, foi escrito originalmente em siríaco, provavelmente no século VII d.C. Pretendo demonstrar que estas referências possuem especial relação com o modo pelo qual os bizantinos entendiam a posição de seu império na história, mais especificamente em relação à escatologia.

Palavras-chave: Judaísmo helenístico; literatura apocalíptica; historiografia antiga; literatura siríaca; Bizâncio.

Abstract

In the following article I shall present some references to passages of the canonical Book of Daniel (Dn), chapters 8 and 7, in the so-called *Alexander Legend*. This text, a legendary account of the life and acts of the Macedonian conqueror, was originally written in Syriac, probably in the seventh-century of our era. I intend to show that these references have particular relation with the way the Byzantines used to understand the position of their empire in world history, more specifically in relation to eschatology.

---

* Adaptação de comunicação apresentada no III Seminário Interno do Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos – PEJ em Brasília, 26/11/2008.

•Graduando em História pela Universidade de Brasília (UnB) e membro do Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos – PEJ. Endereço eletrônico: raulmaravalhas@gmail.com.

Keywords: Hellenistic Judaism; Apocalyptic Literature; Ancient Historiography, Syriac Literature; Byzantium.

A chamada *Lenda Cristã sobre Alexandre*, como a denomina Budge[1], ou simplesmente *Lenda de Alexandre*[2], integra a extensa tradição lendária acerca da vida do conquistador macedônio. Esta foi tema de um grande conjunto de obras, seculares e religiosas, na Antigüidade Tardia e no Medievo, das quais se destacam as diversas versões e recensões do Pseudo-Calístenes.

Como ficará claro mais adiante, trata-se de um texto intrinsecamente cristão, no qual as viagens e conquistas de Alexandre são entendidas não como obra de um conquistador pagão, mas de um pio servo de Deus. Neste sentido, a história narrada é orientada por um motivo apologético imperial bizantino, sobre o qual falarei mais tarde.

A narrativa da LA inicia-se com Alexandre expressando seu desejo de viajar até os confins do mundo, a fim de conhecer os segredos do céu e da terra (a altura dos céus, quantos são os reinos do mundo, entre outras coisas). Apesar de aconselhado em contrário, ele reúne 320 mil homens e, antes de partir, faz uma prece a Deus e promete:

> *E se o Messias, que é o Filho de Deus, vier nos meus dias, eu e minhas tropas iremos adorá-lo. E se Ele não vier nos meus dias, quando eu tiver conquistado os reis e tomado suas terras, eu carregarei este trono, que é um assento de prata sobre o qual eu sento, e o colocarei em Jerusalém, de modo que quando o Messias vier do céu, Ele possa sentar-se sobre o meu trono régio, pois o Seu reino dura para sempre*[3].

Alexandre então viaja ao Egito, onde recruta 7 mil ferreiros para irem consigo. Depois de navegar por onze mares, alcança o mortífero "mar fétido", o Oceano, e caminha até o local onde nasce o Sol. De lá Alexandre viaja para a nascente do Tigre e do Eufrates,

---

[1] Edição de BUDGE, Ernest A. Wallis. *The History of Alexander the Great, Being the Syriac Version of Pseudo Callisthenes*. New Jersey: Gorgias Press LLC, 2003 (reimpressão da edição da Cambridge University Press de 1889), pp. 144-158.

[2] As referências à *Lenda de Alexandre* (daqui em diante, LA) serão dadas, pela falta de uma numeração, com base nas páginas da edição de Budge. A tradução do inglês para o português de todas as passagens que se seguem é minha.

[3] BUDGE, *The History of Alexander the Great*, p. 146.

passando pelo Monte Musas[4], e depois segue para o Norte, até uma planície. Aqui ele acampa, proclama que vem em paz e convoca 300 anciãos à sua presença[5].

Esses homens informam-no que aquelas terras pertencem a Tubarlak, rei da Pérsia da casa de Ahshorah (Xerxes) e falam também de uma enorme montanha. Além desta residem os hunos, que têm como reis Gog e Magog, entre outros[6]. Segue-se daqui uma longa descrição acerca dos modos e costumes terríveis dos hunos, tais como comer carne crua, beber sangue humano e animal e usar fetos em rituais mágicos para ajudar na guerra. São implacáveis na batalha e só agem quando Deus quer punir os homens[7]. Alexandre, então, decide fechar com um portão o espaço entre as montanhas pelo qual os hunos invadem a região; para isso ele emprega os 7 mil ferreiros recrutados do Egito[8].

Feito o portão, Alexandre manda gravar nele a sua profecia:

> *Os hunos irão conquistar o território dos romanos e persas* [...] *e irão voltar para seu território. Eu também escrevi que, completados 826 anos, os hunos irão passar pelo caminho estreito oposto a Haluras,* [...] *capturar nações, destruir estradas e fazer a terra tremer pela sua passagem. E de novo eu escrevi e fiz conhecer e profetizei que, ocorrerá, na conclusão de 940 anos*[9] *um outro rei, quando o mundo irá encontrar um fim pelo comando de Deus, o senhor da criação*[10].

Alexandre continua profetizando que, no fim dos tempos os pecados dos homens aumentarão excessivamente, de modo que Deus ordena a invasão dos hunos e das nações confinadas, fazendo destruir o portão construído por Alexandre. Os reinos dos hunos,

---

[4] Este monte é mencionado no Épico de Gilgamesh. CZEGLÉDY. The Syriac Legend concerning Alexander the Great, p. 245.
[5] BUDGE, *The History of Alexander the Great*, pp. 147-149.
[6] A referência a Gog e Magog aparece na Bíblia de um modo muito confuso. No Gn 10:2 se faz menção somente a Magog, tido aqui como filho de Jafé e descendente de Noé; em Ez 38, Gog, da terra de Magog, é dito o "príncipe e cabeça de Mosoc e Tubal" e é instrumento de Iahweh para castigar Israel; no Ap 20:7-10 Gog e Magog são nações reunidas por Satanás depois do reinado de mil anos de Cristo.
[7] BUDGE, *The History of Alexander the Great*, pp. 151-154 O caráter punitivo dos hunos é mais explicitamente mencionado na LA na profecia escatológica de Alexandre (sobre a qual falarei mais adiante).
[8] BUDGE, *The History of Alexander the Great*, pp. 151-153.
[9] O texto siríaco, que aqui parece estar corrompido, oferece grandes dificuldades. A contagem de 940 anos foi interpretada pela maioria dos estudiosos como referente à descrição que se segue da invasão escatológica dos Hunos. No entanto, REININK, Gerrit J. Die Entstehung der syrischen Alexanderlegende als politisch-religiöse Propagandaschrift für Herakleios' Kirchenpolitik. In: LAGA, C. et al. (eds). *After Chalcedon: Studies in Theology and Church History Offered to Professor Albert van Roey for his Seventieth Birthday*. Leuven: Peeters, 1985, pp. 268-270, argumenta que a contagem de 940 anos não pode se referir a esse episódio escatológico, baseando-se, para tal, na lógica interna do texto.
[10] BUDGE, *The History of Alexander the Great*, p. 154.

persas e árabes, entre outros, virão dos confins dos céus e combaterão entre si, promovendo uma destruição generalizada[11].

> *Então irá o reino dos gregos* [...] *pegar um martelo de ferro na mão direita e um martelo de latão na mão esquerda* [...] *e bater um contra o outro* [...] *e assim o poder desses reinos irá derreter frente ao reino dos gregos, que é o dos romanos*[12].

Os reinos dos hunos e dos persas irão, portanto, derrotar uns aos outros. O império da casa de Alexandre irá

> *destruir a Terra e os céus até os seus confins e não haverá ninguém, entre as nações e línguas que habitam o mundo, que faça frente ao reino dos romanos*[13].

Ao tomar conhecimento do portão construído por Alexandre, Tubarlak decide enfrentá-lo com um enorme exército. Deus aparece, então, a Alexandre, avisa-o dos planos de Tubarlak e aconselha-o: "chama-me para que eu possa te ajudar, pois eu sou o Senhor e ajudo a todos que me evocam"[14]. Alexandre acata essa recomendação e invoca Deus, o qual aparece no campo de batalha e faz Alexandre sagrar-se vencedor. Tubarlak é capturado e propõe que a Pérsia seja, durante quinze anos, tributária a Alexandre, o qual acata a proposta. Então os dois reis concordam em mandar 6 mil romanos e 6 mil persas para guardar o portão. Antes de sua morte, Alexandre leva seu trono argênteo para Jerusalém, cumprindo a promessa feita antes de sua viagem[15].

Feito este resumo dos principais pontos da narrativa, partamos agora para a análise propriamente dita.

Embora seja ambientada durante o reinado de Alexandre, a LA, provavelmente composta durante o reino do imperador bizantino Heráclio (610-641 d.C.), refere-se em muitas passagens também aos acontecimentos de seu próprio tempo. Assim, a vitória de

---

[11] BUDGE, *The History of Alexander the Great*, pp. 154-155.
[12] BUDGE, *The History of Alexander the Great*, p. 155.
[13] BUDGE, *The History of Alexander the Great*, p. 155. Podemos entender isso como o estabelecimento de um domínio mundial, o que se confirma por uma profecia feita pelo próprio Tubarlak, BUDGE, *The History of Alexander the Great*, p. 158.
[14] BUDGE, *The History of Alexander the Great*, p. 156.
[15] BUDGE, *The History of Alexander the Great*, p. 158.

Alexandre sobre Tubarlak (nome cujo significado permanece envolto em mistério[16]) deve ser encarada em referência à vitória de Heráclio sobre o rei persa Cosroés II, em 628 d.C.[17], a qual foi vista em seu tempo como uma afirmação da fé cristã após uma "guerra santa" que opôs os "pios" bizantinos aos "idólatras" persas[18].

Não cabe aqui enumerar os complexos argumentos elencados por Reinink para datar a composição da LA durante o reino de Heráclio[19]. Que o texto não se refere somente aos tempos de Alexandre, mas também ao período bizantino, não há dúvida, como fica claro pela já citada passagem presente na profecia de Alexandre: "reino dos gregos, que é o dos romanos"[20]. Para se compreender essa ligação, deve-se desde já ter em mente que os habitantes do império bizantino se identificavam como romanos (Ρωμαίοι, em grego). O termo "bizantino", usado hoje em dia para designar esses "romanos", era na época apenas um modo arcaizante de se referir aos habitantes de Constantinopla (outrora chamada Bizâncio)[21].

Além disso, as profecias *ex eventu* referentes às invasões dos "hunos" fornecem, por sua vez, evidência para datar a LA para o reinado de Heráclio. A identidade desse povo na LA parece ser diversificada e talvez se refira também aos khazares. Estes, assim como os hunos, provieram do norte do território bizantino e apareceram como aliados de Heráclio contra os persas em 627 e como inimigos em 629, atacando a Armênia bizantina (território próximo das regiões de que trata a LA), causando considerável destruição[22].

---

16 REININK, Die Entstehung der syrischen Alexanderlegende als politisch-religiöse Propagandaschrift für Herakleios' Kirchenpolitik. In: LAGA et al., p. 279 sugere em uma nota a possibilidade de o nome se referir ao general persa de Cosroés II, Šahrbarâz, o que ainda não explica o nome Tubarlak. Em correspondência particular com o professor Vicente Dobroruka, este me sugeriu que talvez o nome se refira a Timur-i-leng (ou Tamerlão, no Ocidente), conquistador túrquico que pretendeu restaurar o Império Mongol e conquistou a totalidade da Pérsia. Caso isso se confirme, ou a datação da LA deverá ser adiantada para pelo menos o séc.XIV, ou a referência ao conquistador túrquico deve ser encarada como uma interpolação, uma atualização posterior.

17 REININK, Gerrit J. Alexander the Great in Seventh-Century Syriac 'Apocalyptic' Texts. In: *Byzantinorossica*, 2 (2003): 162. Sobre o reino de Heráclio e as campanhas contra Cosroés II, KAEGI, Walter E. *Heraclius: emperor of Byzantium*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

18 SPAIN ALEXANDER, Suzanne. Heraclius, Byzantine imperial ideology, and the David Plates. In: *Speculum*, 52.2 (1977): 220-223.

19 Para isso, REININK, Alexander the Great in Seventh-Century Syriac 'Apocalyptic' Texts, 153-158.

20 BUDGE, *The History of Alexander the Great*, p. 155.

21 OLSTER, David. Byzantine Apocalypses. In: MCGINN, B. (ed). *The Encyclopedia of Apocalypticism*. Vol. 2: Apocalypticism in Western History and Culture. New York: Continuum International Publishing Group, 2000, p. 50. Veja a esse respeito, FOX, Clifton R. What, if anything, is a Byzantine? In: http://www.romanity.org/htm/fox.01.en.what_if_anything_is_a_byzantine.01.htm (13/11/2008, 15h40).

22 CZEGLÉDY, Károly. The syriac legend concerning Alexander the Great. In: *Acta Orientalia Academiae Scientiarum Humgaricae* 7 (1957): 245-247.

Assim, podemos afirmar com certa segurança que o autor da LA estabelece ligação e continuidade entre o império de Alexandre e o bizantino, e entre o próprio Alexandre e Heráclio. Essa sobreposição é feita por motivos apologéticos, tendo em vista a congruência de um dos principais eventos de seus reinados: a vitória sobre os persas.

O motivo pró-Bizâncio da LA, no entanto, não se limita à retomada de um passado de glórias para chamar a atenção do leitor para um presente igualmente glorioso. O futuro também possui um papel essencial nessa apologia. Nesse sentido, a profecia que Alexandre manda gravar no portão tem uma importância especial. Nela é dito, como já mencionei anteriormente, que após a invasão do mundo pelos hunos o império "da casa de Alexandre" (referindo-se aqui, como já demonstrei ao Império Bizantino) dominará toda a Terra, de modo que nenhum outro reino fará frente ao reino dos romanos[23]. Mais à frente essa profecia é confirmada por Tubarlak, que profetiza que os romanos irão, por ordem de Deus, destruir a Pérsia e todos os outros reinos terrenos, só passando o domínio da Terra para o próprio Messias já no fim dos tempos[24].

Esse esquema, que combina presente e passado para criar um futuro no qual o Império Bizantino possui um papel escatológico vitorioso e uma estreita relação com a vinda de Cristo, é um tema bastante difundido na apocalíptica bizantina[25], como no *Apocalipse do Pseudo-Metódio*, por exemplo. Esse padrão laudatório de Bizâncio prevê o império como participante e executor do plano de Deus para a história e está intimamente relacionado com a profecia de Daniel referente aos quatro impérios mundiais[26].

A LA constitui mais um caso no qual esse motivo ideológico imperial dá sentido à história. Assim, duas passagens bastante semelhantes parecem fornecer referências a trechos de Dn nos quais sobressai o papel do império como executor do plano de Deus para a história. A primeira se dá na oração de Alexandre que precede o início de sua viagem para os confins do mundo:

---

[23] BUDGE, *The History of Alexander the Great*, p. 155.
[24] BUDGE, *The History of Alexander the Great*, p. 158.
[25] OLSTER, Byzantine Apocalypses. In: MCGINN, p. 52.
[26] As referências a Daniel na *Lenda* são sugeridas em uma nota por REININK, Die Entstehung der syrischen Alexanderlegende als politisch-religiöse Propagandaschrift für Herakleios' Kirchenpolitik. In: LAGA et al., p. 273.

> *Ó Senhor* [...] *eu sei em minha mente que vós me exaltastes acima de todos os reis e que fizestes cornos sobre minha cabeça, com os quais eu possa derrubar os reinos do mundo*[27].

A segunda passagem é dita pelo próprio Deus a Alexandre, na ocasião em que Ele avisa do ataque iminente dos persas contra o acampamento desse último:

> *Veja, eu fiz-te maior que todos os reinos e fiz crescer cornos de ferro*[28] *na tua cabeça para que possas com eles derrubar todos os reinos da terra*[29].

Ao que tudo indica, esses trechos referem-se tanto à profecia das bestas presentes em Dn 7, quanto à visão do carneiro e do bode capítulo 8, e parecem combinar ambas as passagens da Bíblia com a tradicional representação de Alexandre com chifres[30].

Em Dn 7 aparecem no sonho de Daniel quatro bestas, cada uma representando um império vindouro. A última besta é retratada[31]

> *com enormes dentes de ferro, comia, triturava e calcava aos pés o que restava. Muito diferente dos animais que o haviam precedido, tinha este dez chifres*[32].

A interpretação dada é que esta besta se refere a "um quarto reino sobre a terra, diferente de todos os reinos. Ele devorará a terra inteira, calcá-la-á aos pés e a esmagará"[33].

---

[27] BUDGE, *The History of Alexander the Great*, p. 146.
[28] O ferro é o metal do quarto império em Dn 2.
[29] BUDGE, *The History of Alexander the Great*, p. 156.
[30] A representação de Alexandre com dois chifres tem origem na lenda que o reputa como filho de Ammon, deus egípcio que possui chifres de carneiro. Uma geração após Alexandre já encontramos moedas cunhadas por Ptolomeu I Sóter e Lisímaco (rei da Trácia) nas quais Alexandre é representado com chifres. Além disso, um testemunho provavelmente contemporâneo a Alexandre, Ephippo de Olinto (cit. por Ahteneu 537e), diz que o próprio Alexandre desejava assemelhar-se com o deus Amon, usando para isso chifres e outros símbolos daquele deus. Também Clemente de Alexandria (*Exortação aos Pagãos* 4.187) queixa-se do fato de Alexandre querer ser representado com chifres; ANDERSON, Andrew R. Alexander's horns. In: *Transactions and Proceedings of the American Philological Association* 58 (1927): 100-103. Finalmente, Dn 8 refere-se, como mostrarei adiante, a Alexandre por meio da figura de um bode.
[31] Para todas as passagens bíblicas usarei a *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
[32] Dn 7:7.
[33] Dn 7:23. A quarta besta representa originalmente o reino de Alexandre e de seus sucessores, embora S. Jerônimo (*Comentário a Daniel* 7.6) a interprete como o reino dos romanos e a terceira besta como o de Alexandre. COLLINS, John J. *Daniel: a Commentary on the Book of Daniel*. Minneapolis: Fortress Press, 1993, p. 312. CARY, George. Alexander the Great in mediaeval theology. In: *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes* 17.4 (1954): 100.

Já em Dn 8 tem Daniel a visão de um carneiro (que possui dois chifres), o qual "Nenhum animal podia resistir-lhe e ninguém conseguia se livrar do seu poder"[34]. Em seguida aparece

> *um bode que vinha do Ocidente e havia percorrido a terra inteira. E* [...] *tinha um chifre 'magnífico' entre os olhos. Ele aproximou-se do carneiro* [...] *e atirou-se contra ele no ardor de sua força*[35].

A interpretação dada pelo anjo Gabriel é a seguinte:

> *O carneiro que viste, com seus dois chifres, são os reis da Pérsia e da Média. O bode peludo é o rei de Javã*[36]*, e o grande chifre que havia entre seus olhos é o primeiro rei*[37].

Seriam talvez insuficientes as evidências para estabelecer uma relação entre a LA e as passagens de Dn em questão, caso fosse considerado apenas o paralelo entre os chifres da quarta besta e do bode[38], e os chifres de Alexandre na LA.

Entretanto, devemos levar em conta primeiramente o fato de a história representada pela luta entre o carneiro e o bode em Dn 8[39] ser a mesma contada na LA, ou seja, a vitória de Alexandre sobre os persas. Outro fator, mais importante, a ser levado em consideração refere-se justamente ao modo como as profecias apocalípticas de Dn eram interpretadas no contexto bizantino.

---

[34] Dn 8:4.
[35] Dn 8:5-6.
[36] Javã é em Gn 10:2 o quarto filho de Jafé, cujos descendentes se estabeleceram na região da Jônia. A Grécia e os gregos são designados em hebraico e em outras línguas orientais pelo termo "Javã", cf. EASTON, Matthew G. *Illustrated Bible Dictionary*. 3 ed. Domínio Público, 1897. <http://www.ccel.org/ccel/easton/ebd2.EBD.html> (20/11/2008, 22h50).
[37] Dn 8:20-21.
[38] Na tradição bíblica, os chifres simbolizam poder (ver Zc 2:1-4; Ps 132:17; Lc 1:69; 1En 90:9). Acredita-se também que os chifres da besta fazem referência à representação de Alexandre e seus sucessores como chifrudos cf. MORENZ, Siegfried. Das Tier mit den Hörnern: Ein Beitrag zu Dan. 7,7f. In: Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft, 63 (1951), cit. por COLLINS, *Daniel: a Commentary on the Book of Daniel*, p. 299.
[39] O bode é interpretado por Jerônimo e pela Peshitta, versão siríaca da Bíblia, como Alexandre, embora provavelmente este seja representado apenas pelo chifre. O ato de esmagar e pisotear do bode (Dn 8:7 e 8:10) encontra paralelo com o ato de "calcar com os pés" da quarta besta (Dn 7:7). COLLINS, *Daniel: a Commentary on the Book of Daniel*, p. 331.

O quarto e último império de Dn 7 e de Dn 2, originalmente referindo-se ao império de Alexandre[40] e de seus sucessores, passou a ser interpretado entre os autores bizantinos como o próprio Βασιλεία Ρομαίων, i.e., o que chamamos hoje de império bizantino[41]. Assim, se na perspectiva tradicional o quarto império era tido como o mais terrível e abominável, agora ganha uma significação totalmente oposta. Ele torna-se o mais santo de todos e responsável, no plano de Deus para a história, por entregar o reino terrestre a Cristo. Em muitos autores o modelo político de interpretação das profecias de Dn é ainda mais enfatizado, e é estabelecida uma correspondência entre o Império Romano e o Reino de Cristo[42].

A Igreja Siríaca, no entanto, desde Efrém, o Sírio (séc.IV), até Barhebraeus (séc.XIII) manteve a interpretação do quarto império como o de Alexandre ou de seus sucessores[43]. Neste sentido, a LA, representa uma sobreposição da perspectiva siríaca tradicional com a interpretação imperial bizantina: o último reino, aquele que passará "o domínio da terra para o Messias, que está por vir"[44] é na LA, ao mesmo tempo, o de Alexandre e o Romano.

Acreditamos que a compreensão da narrativa da LA à luz da tradição apocalíptica daniélica e de um padrão escatológico imperial traz contribuições importantes. Levando-se em consideração as referências às profecias daniélicas e o modo pelo qual estas eram interpretadas no contexto siríaco e bizantino, pode-se talvez compreender a razão pela qual o autor da LA liga Alexandre a Heráclio e o Império Grego ao Bizantino: isso pode ter ocorrido não só pelo fato de ambos os governantes terem vencido os persas, mas porque de alguma forma, a tradição daniélica siríaca relativa à sucessão dos impérios foi interpolada pela perspectiva imperial, resultando assim, no mencionado "império dos gregos, que é o dos romanos".

---

[40] Há consenso entre os historiadores modernos na interpretação dos quatro reinos (ditos reis) em Dn 7, os quais devem corresponder aos mesmos de Dn 2, i.e., Baiblônia, Média, Pérsia, Grécia. Os autores antigos e medievais, no entanto, variaram nas suas interpretações: ora a quarta besta é identificada com os gregos, ora com os romanos. COLLINS, *Daniel: a Commentary on the Book of Daniel*, p. 312.

[41] OLSTER, Byzantine Apocalypses. In: MCGINN, p. 54. Veja mais especificamente PODSKALSKY, Gerhard. La profezia di Daniele (Cc. 2 e 7) negli scrittori dell'Impero Romano d'Oriente. In: *Popoli e Spazio Romano tra diritto e profezia: Da Roma alla terza Roma* 3 (1986): 310.

[42] PODSKALSKY, La profezia di Daniele (Cc. 2 e 7) negli scrittori dell'Impero Romano d'Oriente, p. 320.

[43] PODSKALSKY, La profezia di Daniele (Cc. 2 e 7) negli scrittori dell'Impero Romano d'Oriente, p. 310.

[44] BUDGE, *The History of Alexander the Great*, p. 158. A idéia da passagem do reino terrestre para Cristo também é expressa na LA pelo simbolismo da deposição do trono de Alexandre em Jerusalém, conforme a promessa feita por Alexandre antes de sua viagem. BUDGE, *The History of Alexander the Great*, pp. 146-147.

Por fim, cremos que esta leitura não só contribui para o entendimento deste texto no que concerne à presença de Alexandre em uma apologia ao império, como também fornece mais um testemunho de como os bizantinos compreendiam e legitimavam o poder imperial, a um só tempo terreno e divino.

Referências bibliográficas

ANDERSON, Andrew R. Alexander's horns. In: *Transactions and Proceedings of the American Philological Association* 58 (1927): 100-122.

BUDGE, Ernest A. Wallis. *The History of Alexander the Great, Being the Syriac Version of Pseudo Callisthenes*. New Jersey: Gorgias Press LLC, 2003 (reimpressão da edição da Cambridge University Press de 1889).

CARY, George. Alexander the Great in mediaeval theology. In: *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes* 17.4 (1954): 98-114.

COLLINS, John J. *Daniel: a commentary on the book of Daniel*. Minneapolis: Fortress Press, 1993 (Hermeneia – A Critical and Historical Commentary on the Bible).

CZEGLÉDY, Károly. The syriac legend concerning Alexander the Great. In: *Acta Orientalia Academiae Scientiarum Humgaricae* 7 (1957): 231-249.

FOX, Clifton R. What, if anything, is a Byzantine? In: http://www.romanity.org/htm/fox.01.en.what_if_anything_is_a_byzantine.01.htm (13/11/2008 15h40).

KAEGI, Walter E. *Heraclius: emperor of Byzantium*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

OLSTER, David. Byzantine Apocalypses. In: MCGINN, B. (ed). *The Encyclopedia of Apocalypticism*. Vol. 2: Apocalypticism in Western History and Culture. New York: Continuum International Publishing Group, 2000

PODSKALSKY, Gerhard. La profezia di Daniele (Cc. 2 e 7) negli scrittori dell'Impero Romano d'Oriente. In: *Popoli e Spazio Romano tra diritto e profezia: Da Roma alla terza Roma* 3 (1986): 309-320.

REININK, Gerrit J. Die Entstehung der syrischen Alexanderlegende als politisch-religiöse Propagandaschrift für Herakleios' Kirchenpolitik. In: LAGA, C. et al. (eds). *After Chalcedon: Studies in Theology and Church History Offered to Professor Albert van Roey for his Seventieth Birthday*. Leuven: Peeters, 1985

_____. Alexander the Great in Seventh-Century Syriac 'Apocalyptic' Texts. In: *Byzantinorossica* 2 (2003): 150-178.

_____. Heraclius, the new Alexander. Apocalyptic prophecies during the Reign of Heraclius. In: REININK, G. J. & STOLTE, B. H. (eds). *The reign of Heraclius (610-641): crisis and confrontation*. Leuven: Peeters, 2002 (Gronigen Studies in Cultural Change, 2).

SPAIN ALEXANDER, Suzanne. Heraclius, Byzantine imperial ideology, and the David Plates. In: *Speculum* 52.2 (1977): 217-237.